PARA TODOS...
1$500 rio de janeiro 2 de abril de 1932 NVM. 694.
BIBLIOTHECA NACIONAL

Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos accessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.

Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada *Tosse dos Velhos* e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.

TOSSE ? BROMIL

Para todos...

DIRECTORES

ALVARO MOREYRA E OSWALDO LOUREIRO

ASSIGNATURAS

1 ANNO — 75$000

6 MEZES — 38$000

RUA DO OUVIDOR 181 — 1.º

END. TELEGR.: "PARATODOS"

TELEPHONE: 2-9654

1830 - 1930

"Nos tempos futuros, escreveu Philippe Soupault no "Intransigeant", quando se estudar o periodo de 1830-1930 sobre o ponto de vista litterario, os sabios historiadores, mesmo os que não gostarem de generalisar, não deixarão de constatar que foi o seculo do romance." Ora, o seculo chega ao fim, e Soupault prevê um rapido declinio do romance, cuja voga attingiu o ponto culminante em 1925. Na crise que ataca as edições, o romance é que mais soffre: "E lentamente, quando essa crise tiver passado, nos certificaremos de que o publico lettrado ha muito se desviou do romance. Veremos se espalhar o gosto pela historia, pela critica e, assim desejamos, pela poesia. O seculo do romance se acabará sem que se perceba, o que é o cumulo do infortunio. Alguns perseverão e hão de publicar ainda bellas historias, mas por serem na verdade e unicamente romancistas. Os outros se entregarão aos estudos amados e, segundo a moda do dia, farão historia e critica."

Toda hora de doença é tempo perdido para o prazer da vida

Os "Incommodos de Senhoras", em sua vólta periodica, todos os mezes, representam para o sexo feminino

A HORA CERTA DO SOFFRIMENTO.

As Senhoras sabem de antemão que seus males têm data fixa para se manifestarem e podem fazer a conta previa das horas que perdem para o prazer da vida. É, pois, para uma Senhora, um acto de defeza a favor da alegria de viver guardar sempre presente na lembrança que

A Saude da Mulher

—sendo o melhor remedio conhecido para os Incommodos de Senhoras, taes como Suspensões, Colicas Uterinas, Rheumatismos, Arthritismo, Flores-Brancas—assegura o prazer da vida, que só póde ser perfeito quando existe perfeita saude.

O Premio das Injustiças

AMARELLO, *curvado, todas as tardes sahia do buraco onde morava e ia pedir esmolas.*

Não era um mendigo. Era um operario pobre. Tinha trabalhado para os patrões até os sessenta annos, sempre ganhando menos do que precisava. Depois, mandaram que procurasse "outra vida".

A familia fora-se embóra aos pedaços, na Santa Casa de Misericordia. Elle ficou sósinho, junto de um gato e de uns farrapos.

Quasi que se suicidou no mar. Quasi que um omnibus o esmagou. Achou na rua um bilhete da Capital Federal, quasi que tirou a sorte grande.

Gostava de olhar para o céo. Acreditava que lá em cima, um dia, havia de receber "o premio das injustiças".

— Deus é bom... — repetia — Deus é bom...

Morreu no mesmo logar em que morreram a mulher e os quatro filhos. O caixão de taboa bruta, cheio de serragem, não teve acompanhamento. A cóva não teve nem uma lagrima nem uma flôr.

E sobre a cóva o céo se estende, decorativo, longe, alto... muito longe... alto de mais...

ALVARO
MOREYRA

NOITE DE PASCHOA

ANTON TCHEKOV

Eu esperava na margem do Goltva o barco, que vinha da outra margem. Communmente, o Goltva é um rio raso, silencioso e pensativo, que brilha modestamente sob moitas espessas de caniços; mas agora, um vasto lago se extendia diante de mim. As chuvas da primavera, ininterruptas, saltando por cima das margens, haviam submergido tudo em torno, cobrindo as hortas, os prados, as terras cultivadas, de sorte que não era raro encontrar na superficie das aguas ulmeiros e matos emergindo solitarios, semelhantes, na obscuridade, a rochedos selvagens.

Já estava escuro, e entretanto eu distinguia as arvores, a agua e as creaturas... As estrellas que semeavam, como um campo, o céo, illuminavam o mundo. Não me recordo de ter visto em nenhum outro momento tantas estrellas. Havia algumas grandes como ovos de pata e outras pequenas como um grão de linho... O céo se reflectia na agua e as estrellas se banhavam na sombria profundeza, estremecendo sobre as vagas inconstantes. O ar estava leve... Ao longe, na outra margem, na obscuridade sem fundo, brilhavam, cá e lá, algumas fócos vermelhos vivo...

A dois passos de mim se desenhou a silhueta de um moujik de chapéo alto, com um grosso e nodoso bastão.

— Já é tão tarde e o barco nunca mais que chega, disse eu.

— Já devia estar ahi, respondeu a silhueta.

— Tu tambem esperas por elle?

— Não... fez o moujik, bocejando. Espero a "illuminação". Eu desejaria estar do outro lado, mas é preciso dizer que não tenho os cinco copeks da passagem.

— Pois eu te darei os cinco copeks.

— Não, muito obrigado... Em troca dos cinco copeks accende por mim uma vela no convento: será mais proveitoso. Eu posso ficar. Mas, não se avista o barco!... Está como si elle tivesse sido levado pela corrente!

O moujick approximou-se da agua, apanhou o cabo e gritou:

— Jeronymo! Jero-nymo!

Como resposta ao seu grito, o som prolongado do grande sino retiniu do outro lado. No mesmo instante ouviu-se um tiro de canhão. Vibrou na escuridão e se extinguiu rolando até qualquer ponto longinquo, para traz de nós. O moujik tirou o chapéo e benzeu-se.

— Christo ressuscitou! — disse.

Os sons do primeiro toque de sinos não tinham tido ainda tempo de morrer e ouviu-se um segundo toque, e, em seguida, um terceiro, e as trevas se encheram de um rumor continuo. Depois accenderam-se muitos outros fócos vermelhos e se puzeram todos a scintillar juntos, movendo-se inquietamente, cá e lá.

— Jero-nymo! — chamou uma vóz arrastada e rouca.

— Gritam do outro lado, disse o moujik. Quer dizer que lá tambem não está o barco. O nosso Jeronymo adormeceu.

As luzes e o som aveludado do sino attrahiam... Eu começava a perder a paciencia e a me agitar. Mas eis que examinando o longinquo obscuro, percebi a silhueta de qualquer coisa muito semelhante a um cavalete. Era o barco tão esperado. Navegava com tal lentidão que, si não fosse a forma cada vez mais accentuada dos seus contornos, poderia-se crer que estava parado no mesmo logar ou se dirigia para a outra margem.

— Depressa, Jeronymo!— gritou o moujik. O "barine" espera.

O barco deslisou até a margem e parou rangendo. Alçado sobre os cabos se achava um homem alto, vestido com uma sotaina de monge e gorro conico.

— Por que demorou tanto? — indaguei, entrando no barco.

— Desculpe-me em nome de Christo! — respondeu humildemente Jeronymo. Não tem mais ninguem para ir?

— Ninguem...

Jeronymo agarrou a corda com as duas mãos e, arquejante, se curvou como um ponto de interrogação. O barco deslisou. A silhueta do moujik de chapéo alto afastava-se lentamente; portanto o barco navegava. Então Jeronymo se endireitou e começou a se servir só de uma das mãos. Nós olhavamos silenciosos a margem para a qual navegavamos. Lá, principiava a "illuminação" que esperava o moujik. Junto da agua flammejavam como grandes brazeiros, toneis pintados com alcatrão. Os reflexos vermelhos como a lua quando se eleva, se estendiam, em faixas longas e largas, ao nosso encontro. Os toneis flammantes illuminavam a propria fumaça e as grandes sombras das pessoas que passavam diante do fogo. Mas na costa e atraz delles, no logar de onde vinha o som aveludado, reinava uma nuvem negra e opaca... Subito, riscando as trevas como uma fita de ouro, um foguete subiu para o céo. Vindo da costa chegou aos nossos ouvidos um ruido semelhante a um hurrah longinquo.

— Como é bello! — disse.

— Não se póde exprimil-o! — suspirou Jeronymo. Uma noite semelhante, meu senhor! Noutros momentos não se dá nenhuma attenção a um foguete, mas hoje a gente se alegra com a minima futilidade! De onde é o senhor?

Disse de onde eu vinha.

— Pois é isso, meu senhor... Hoje é um dia de alegria... proseguiu Jeronymo. O céo e a terra e o que está debaixo se alegram. Todas as creaturas estão em festa. Entretanto, diga-me por que, meu bom senhor, o homem, mesmo numa grande alegria, não póde esquecer as maguas?

Senti que esta pergunta inesperada me convidava para uma dessas interminaveis e edificantes palestras tão apreciadas pelos monges ociosos e melancolicos. Eu não estava disposto a falar muito, por isso perguntei apenas:

— Quaes são as suas magoas, meu amigo?

— Magoas communs a todos os homens; mas hoje aconteceu no mosteiro uma grande infelicidade. Na missa, durante a leitura do Evangelho, o arcediago Nicoláu morreu...

— Mas, disse eu, tomando um tom monastico, cumpra-se a vontade de Deus! Todos têm que morrer. E acho que devem até estar contentes... Dizem que quem morre na vespera do dia de Paschoa vê infallivelmente o Reino dos Céos.

— E' verdade.

Ficamos em silencio. A silhueta do moujik de chapéo alto fundira-se na distancia. Os toneis com alcatrão flammejavam cada vez mais.

— A Escriptura e a reflexão mostram a ostentação da dôr, disse Jeronymo, rompendo o silencio; mas porque a alma soffre e não quer ouvir a razão? Por que se tem vontade de chorar amargamente?

Jeronymo levantou os hombros, voltou-se para mim e disse depréssa:

— Si eu tivesse morrido, ou qualquer outro, não se daria importancia, mas foi Nicoláu que morreu!... Elle e não outro!... E' difficil a gente se convencer de que elle não é mais deste mundo!... Estou aqui no barco, e me parece sempre ouvir a sua voz que me chama do outro lado. Para que eu não tivesse medo de atravessar com o barco, elle vinha sempre á margem do rio e me chamava. De noite, levantava-se expressamente para isso. Era uma boa alma. Certos homens não têm uma mãe tão bôa como era Nicoláu para mim. Senhor, salvai a sua alma!

Jeronymo segurou o cabo, mas, de novo, se voltou para mim:

— Meu senhor, me disse elle, com uma voz cantante, que espirito luminoso era o delle!... Que linguagem harmoniosa e doce!... Justamente o que vão cantar agora na missa da meia noite: "Oh! voz amavel, oh! a mais doce voz!..." Além de todas essas qualidades humanas, elle tinha um dom extraordinario.

— Qual era o dom? — perguntei.

O monge olhou-me attentamente e, como que convicto de que se podia fiar em mim, poz-se a dizer, rindo alegremente:

— Tinha o dom de escrever "akathistes". Era um verdadeiro prodigio! O senhor vae ficar espantado quando eu lhe disser que o nosso pae archimandrita é de Moscou, o pae sub-prior saiu da Academia de Kazan, temos monges-padres que são muito intelligentes e tambem solitarios, e, explique-me, por favor, porque não ha um que saiba escrever uma "akathiste", e porque Nicoláu, um simples monge, um monge-diacono, que não estudára em parte alguma, que não tinha mesmo nenhuma apparencia, escrevia! Era um milagre! um verdadeiro milagre!

Jeronymo abriu as mãos e, esquecendo o cabo, continuou transportado:

— O pae sub-prior soffre para compôr os sermões. Quando escreveu a historia do nosso mosteiro, chamou todos os irmãos para o ajudar, e foi tres vezes na cidade. E Nicoláu escrevia "akathistes"! "Akathis-

tes", o senhor está comprehendendo? Outra coisa muito mais difficil do que sermões e historia!

— E' muito difficil escrever "akathistes"? — perguntei.

— Ah! muito difficil... respondeu Jeronymo, sacudindo a cabeça. Nem a sabedoria, nem a santidade não servem para nada, si Deus não lhe concedeu o dom. Os monges que não comprehendem, julgam que basta conhecer a vida do santo que se quer celebrar, e imitar as já existentes... Mas, isso não e direito! E' verdade que quem escreve uma "akathiste" deve conhecer, a fundo, a historia do santo, nos minimos detalhes. Deve-se conformar com as que já existem, saber a maneira de começar o que deve escrever. Para lhe dar um exemplo, o primeiro versete principia sempre por "Escolhido" ou "Eleito"... O primeiro "ikos" pela palavra anjo. A Oração do "Muito-meigo-Jesus", si isso lhe interessa, começa assim: "Anjo creador e Senhor das forças..." A da muito Santa Mãe de Deus começa assim: "O anjo annunciador foi enviado dos céos..." A de Nicoláu, o thaumaturgo, assim: "Anjo de apparencia e de substancia terrestre..." Principia-se sempre pela palavra anjo. Não se póde fugir disso, mas o principal não é a vida do santo nem a concordancia com os modelos. O principal é a belleza e a suavidade do conjuncto. E' preciso escrever de forma que aquelle que reza, tenha alegria no coração, ou que chore, e que a sua razão estremeça e se assuste. Ha na "akathiste" da Mãe de Deus: "Alegra-te, tu que és inaccessivel ás penas humanas; alegra-te, tu, que só se póde ver com os olhos dos anjos!" Elle disse numa das passagens dessa oração: "Alegra-te, arvore de fructo luminoso, com o qual os fieis se alimentam; alegra-te, arvore cujas folhas dão a sombra santa que cobre as multidões".

Jeronymo, como si qualquer coisa o amedrontasse ou tivese vergonha, occultou o rosto nas mãos, abanando a cabeça.

— Arvore de fructo luminoso... arvore cujas folhas dão a sombra santa... murmurava elle... onde se poderá encontrar palavras semelhantes?... Só o Senhor póde dar semelhante faculdade!... Juntar resumidamente tantas palavras e idéas, e tudo conciso e corrente! "Lampada derrama luz..." disse na oração do Muito doce Jesus. "Derrama luz!" Não se encontra semelhante expressão nem nos livros, nem nos labios humanos: o autor inventou; encontrou-a na sua imaginação! Outra coisa, a fluidez e o bem-dizer, é preciso que cada linha seja ornada de qualquer maneira, que tenha flores, relampagos, vento, sol e todos os objectos do mundo visivel. E é preciso collocar as exclamações de forma que sejam naturaes e agradaveis ao ouvido: "Alegra-te, lyrio florescente do Paraiso!" disse na "akathiste" de Nicoláu-o-Thaumaturgo. Não disse simplesmente "lyrio do paraiso" mas "lyrio florescente do Paraiso". E' mais agradavel ao ouvido. Era assim justamente que escrevia Nicoláu! Exactamente assim! Não sei mesmo lhe dizer como elle escrevia!

— Sim, disse eu, nesse caso é pena que tenha morrido. Em todo caso, amigo, vamos embora, sinão chegaremos atrazados...

Jeronymo correu ao cabo. Na costa, todos os sinos começavam a tocar. Era provavelmente a procissão em torno do mosteiro, porque, nesse momento, todo o espaço escuro, por traz dos toneis de alcatrão, estava cheio de luzes movediças.

— Nicoláu imprimiu as suas "akathistes"? — perguntei.

— Onde as poderia imprimir? — suspirou o monge. Seria até absurdo imprimil-as! Para que? Ninguem, no mosteiro, se interessava por ellas. Não gostavam mesmo. Sabiam que Nicoláu escrevia; mas não davam attenção. Hoje, meu senhor, ninguem aprecia os novos escriptos.

— Tem prevenção contra elles?

— E' exacto... Si Nicoláu fosse um solitario, talvez os nossos paes tivessem tido a curiosidade de saber; mas elle não contava ainda nem quarenta annos. Certos irmãos o escarneciam e olhavam os escriptos como um peccado.

— Porque, então, que elle escrevia?

— Por nada: sobretudo para sua consolação. De todos os monges apenas eu lia as suas obras. Eu ia procural-o escondido, e elle ficava contente com o meu interesse. Cumulava-me de amabilidades, acariciava-me a cabeça, chamava-me por nomes ternos, como uma criança. Fechava a cella, fazia-me assentar junto delle, e se punha a ler, a ler...

Jeronymo abandonou o cabo e se approximou de mim.

— Nós eramos de facto amigos, elle e eu, murmurou, olhando-me com os olhos brilhantes. Onde elle ia, eu ia; quando eu estava ausente, elle se aborrecia. Preferia-me a todos. Tudo isso porque as suas "akathistes" me faziam chorar. E' commovente recordar! Agora, estou como um orphão ou uma viuva. Quer saber, meu senhor, no nosso mosteiro todos são bons, compassivos, piedosos; mas... ninguem tem a doçura, a delicadeza que se encontra no meio da gente de simples condição... Todos falam alto, fazem barulho quando caminham, são ruidosos, tossem, ao passo que Nicoláu falava sempre com meiguice, num tom acariciante, e quando via alguem dormindo ou rezando, passava sem fazer mais barulho do que uma mosca ou um mosquito. O seu rosto era bondoso, compassivo...

Jeronymo suspirou profundamente e de novo segurou o cabo. Approximavamo-nos da margem do rio. Saindo da obscuridade, entravamos, pouco a pouco, num reino encantado, cheio de fumaça suffocante, de luzes crepitantes e de barulho. Via-se já nitidamente as pessoas se agitarem perto dos toneis pintados com resina. O fogo das chammas dava aos rostos e aos corpos vermelhos uma expressão extranha, quasi fantastica. A's vezes entre as cabeças e os rostos, appareciam cabeças de cavallos immoveis como si fossem fundidas em cobre vermelho.

— Dentro de pouco vão cantar o officio da Paschoa... disse Jeronymo. E agora, que Nicoláu não existe mais, ninguem o comprehenderá a fundo... Elle achava esse officio o mais suave de todos. Parecia que elle penetrava em cada palavra. O senhor vae estar lá, e si comprehender bem o que cantam, ficará enthusiasmado.

— Você não vae á igreja?

— Não posso, meu senhor, tenho que ficar fazendo a travessia...

— Não vão substituil-o?

O monje e o noviço

Desenho de M. Boutet de Morvel

— Não sei... Deviam ter-me substituido ás 10 horas, bem vê que não o fizeram... Confesso que desejava muito ir á igreja!...

— Você é monge?

— Sim, senhor... isto é, sou noviço.

O barco bateu de encontro á terra e parou. Paguei os cinco copeks a Jeronymo e saltei... No mesmo instante um rapaz embarcou uma carreta que rangia e onde se via uma mulher adormecida. Jeronymo, levemente colorido pelas chammas, pisou sobre o cabo, curvou-se e desatracou.

Dei alguns passos na lama, mas em seguida, caminhei por uma estrada optima, de pouco reformada. A estrada conduzia á porta principal do mosteiro, toda negra, semelhante a uma caverna. Via-se atravez das nuvens de fumaça uma coisa desordenada, cavallos desatrelados, carretas, carros. Tudo isso rangia, rinchava, ria, e se cobria por momentos com uma luz purpura ou com as sombras movediças da fumaça... Era um verdadeiro chaos. E nessa confusão encontravam ainda logar para dar tiros com um pequeno canhão e vender pães de mel.

Dentro do mosteiro, uma multidão nada menor se comprimia, mas, lá observavam mais ordem e compostura. Sentia-se um cheiro de zimbro e de benjoim. Falavam alto, mas não havia, como do lado de fóra, risos e relinchos. Perto dos monumentos funebres e das cruzes, as pessoas se apoiavam umas nas outras, carregando pães de Paschoa e embrulhos. Visivelmente muitas estavam fatigadas, tinham vindo de longe para pedir que lhes benzessem os pães. Sobre as lages de ferro que formavam a passagem do convento á porta da igreja, jovens noviços, occupadissimos, corriam, fazendo barulho com as botinas. No campanario, movimentavam-se e gritavam.

"Que noite agitada! — disse para mim mesmo. Como é bello!"

Tinha-se vontade de que toda a natureza, a começar pela escuridão da noite e a acabar pelas lages em ferro, as cruzes dos tumulos e as arvores sob as quaes as creaturas formigavam, fosse agitada e não dormisse. Mas em nenhum logar a excitação e o movimento se exprimiam tão forte como na igreja. A entrada se abandonava ao incessante combate da corrente que ia e vinha. Uns entravam, outros saiam e tornavam a entrar, para ficarem um pouco, e de novo sairem. As pessoas passavam de um ponto para outro, ao acaso, e como que procurando alguma coisa.

Uma onda partia da entrada e percorria toda a igreja, movimentando até as primeiras filas, onde se achavam as pessoas graves e tranquillas. Não se podia dizer que não houvesse prece concentrada; não havia prece de especie alguma. Era apenas uma alegria continua, infantil, irracional, que buscava um pretexto para amanhecer alli e se distrahir num movimento qualquer; mesmo que fosse um vae-e-vem, uma oscillação e um empurrão sem graça.

A mesma agitação se notava no serviço pascal. A porta central dos santuarios de todos os altares estava aberta; espessas nuvens de incenso vagavam no ar perto dos lampadarios. Para onde se olhasse, por toda a parte, luzes, reflexos, crepitamentos de velas!... Naquella noite não se lia nada; até o fim, o canto afflicto e alegre não cessou. Depois de cada hymno, o clero trocava de cazulo e sahia para incensar os fieis; e isso se repetia de dez em dez minutos.

Não tive tempo de arranjar um logar, uma onda immensa veio do alto da igreja e me atirou para traz.

Um diacono, grande e corpulento, passou diante de mim, carregando uma enorme vela vermelha; um archimandrita todo branco, de mitra dourada, seguia-o apressado, segurando um incensador. Quando desappareceram, a multidão me atirou para o meu logar anterior. Mas ainda não tinham passado dez minutos, uma nova onda se precipitou, e o diacono appareceu outra vez. Dessa vez, o Pae sub-priôr o seguia, o mesmo que, ao dizer de Jeronymo, escrevera a historia do mosteiro.

Fundido na multidão e vencido pela alegria geral, senti uma infinita pena de Jeronymo. Porque não iam substituil-o? Porque não mandavam para o barco outro monge menos sensivel, menos impressionavel?

No côro cantavam: "Eleva os olhos em torno de ti, Sião, e contempla... hoje vieram a ti teus filhos do Occidente e do Septentrião e do mar do Oriente, como para um astro illuminado por Deus!..."

Olhei as creaturas. Em todas havia uma viva expressão de triumpho; mas ninguem ouvia o que cantavam e não se compenetrava; ninguem "estava transportado"... Por que não substituiam Jeronymo? Imaginava como elle estaria humilde e de pé em qualquer canto, junto das paredes, inclinado e surprehendendo avidamente a belleza de uma phrase sagrada. Tudo aquillo que só roçava de leve os ouvidos das pessoas que estavam diante de mim, a sua alma fina absorveria avidamente. Elle se teria embriagado até o extase, até o transporte, e não haveria no templo homem mais feliz do que elle. Entretanto navegava de uma margem á outra sobre o rio escuro, e sonhava agoniado com o irmão e amigo morto.

Uma onda rolou atraz de mim. Um monge gordo, sorridente, debulhando o seu rosario, deslisou de lado junto a mim, abrindo passagem para uma senhora de chapéo e casaco de velludo. Um noviço seguia-a, levando no ar, acima das cabeças, uma cadeira.

Saí da igreja. Desejei ver Nicoláu morto, o obscuro autor de "akathistes". Segui pelo claustro, ao longo da parede onde se viam as portas das cellas dos monges. Tendo espiado em muitas janellas e portas e não tendo visto nada, voltei á igreja. Hoje, não lamento não ter visto Nicoláu. Só Deus sabe! si eu o tivesse visto, talvez perdesse a imagem desenhada pela minha imaginação! Aquelle homem poetico e sympathico que saia de noite para chamar por Jeronymo e que, solitario e incomprehendido, espalhava nas suas composições flores, estrellas, raios de sol, imagino-o timido, pallido, traços finos, melancolicos, cheios de brandura. Nos seus olhos deviam brilhar, juntamente com o espirito, a ternura, e a exaltação infantil apenas contida que se sentia na voz do noviço, quando me recitava as passagens dos canticos.

Já não era mais noite quando saimos da igreja. A aurora rompia. As estrellas tinham-se apagado e o céo coberto parecia cinzento azulado. As placas de ferro, os monumentos e as folhas das arvores estavam revestidos de rosado. O ar estava leve. Não havia mais no recinto do mosteiro a animação de durante a noite. Os cavallos e as creaturas pareciam fatigados, estavam adormecidos, respirando calmamente. Dos toneis de alcatrão restavam apenas montões de cinza negra.

Quando o homem está fatigado e quer dormir, parece-lhe que a natureza passa pelo mesmo estado. Parecia-me que as arvores e a herva nova dormiam. E parecia tambem que os sinos não soavam tão forte e tão alegremente como de noite. A agitação cessára.

Eu podia ver, então, as duas margens do rio. Cá e lá, acima dellas, semelhante a colinas, estendia-se uma leve cerração. Frio e humidade vinham da agua. Quando entrei no barco já se achavam uma caleça e uns vinte homens e mulheres. O cabo, humido, e, parecia-me, adormecido, se alongava em cima do largo rio e desapparecia, ás vezes, entre a cerração.

— Christo resuscitou!... Mais ninguem? perguntou uma vóz doce.

Reconheci a voz de Jeronymo. A noite não me impedia mais de examinar o monge. Era um homem de trinta e cinco annos mais ou menos, grande, de hombros estreitos, traços grossos arredondados, uma barba pontuda, olhos meio fechados, que olhavam preguiçosamente. Tinha o ar extraordinariamente triste e fatigado.

— Ainda não vieram substituil-o? — perguntei.

— Eu, senhor? — disse, sorrindo e voltando para mim o rosto humido de orvalho. Não ha ninguem para me substituir até de manhã. Todos vão agora romper o jejum em casa do Pae archimandrita.

Ajudado por um pequeno moujik de gorro de pelle ruiva, semelhante aos potes em que se vende mel, curvou-se sobre o cabo. Os dois homens gemeram e o barco partiu.

Avançavamos, desmanchando no caminho a cerração que se levantava preguiçosa. Todos estão silenciosos. Jeronymo, machinalmente, servia-se de apenas uma das mãos. Passeiou longo tempo o olhar terno e doce sobre nós, depois fixou-o no rosto rosado, de sobrancelhas negras, de uma joven negociante que viajava junto de mim, se encolhendo em silencio, por causa da neblina que a envolvia. Não afastou os olhos della durante toda a viagem. Havia pouca virilidade naquelle olhar prolongado. Tive a impressão de que Jeronymo procurava no rosto da mulher os traços finos e doces do seu amigo morto.

Festa de Paschoa para as creanças no Botafogo F. B. C.

Marlene Dietrich

EM "MARROCOS"

EM "EXPRESSO DE SHANGHAI"

Não vale a pena dizer nada. E' a melhor do mundo. Aqui está ella nas quatro fitas que fez com Joseph Sternberg; uma na Allemanha, tres na America

EM "DESHONRADA"

EM "ANJO AZUL"

Sylvia Bertine

Quando ella voltou da Europa em 1927, trouxe esse retrato. Agóra, não volta mais. Ficou lá, na terra da Italia, para sempre. Sylvia Bertine morreu em Milão ha um mez. Aqui ninguem sabia. Toda a gente se lembrava della, bonita, alegre como no dia da partida. Era a artista mais linda do Brasil.

A CIDADE VERDE

R. MAGALHÃES JUNIOR

Eramos cinco em torno á mesa. Um era pintor: Bruno Lechowski. Outro era eu. E os demais, não sei quem sejam...

Bruno Lechowski falou:

— Tenho actualmente uma exposição em Petropolis. Estou tonto com a cidadezinha serrana... Encontrei mais de quinhentos fragmentos magnificos para pintar... Mas acabei toda a tinta verde que levara e hoje tive de descer apenas para comprar mais. Tudo ali é verde. Verde a montanha, verde as arvores, verdes as casas, verdes as ruas, verdes as arvores, o ar, a agua, as mulheres...

Falou outro, em seguida:

— Petropolis? Aquillo, sim, é que é terra... Que pão! Que manteiga! Que peixe!

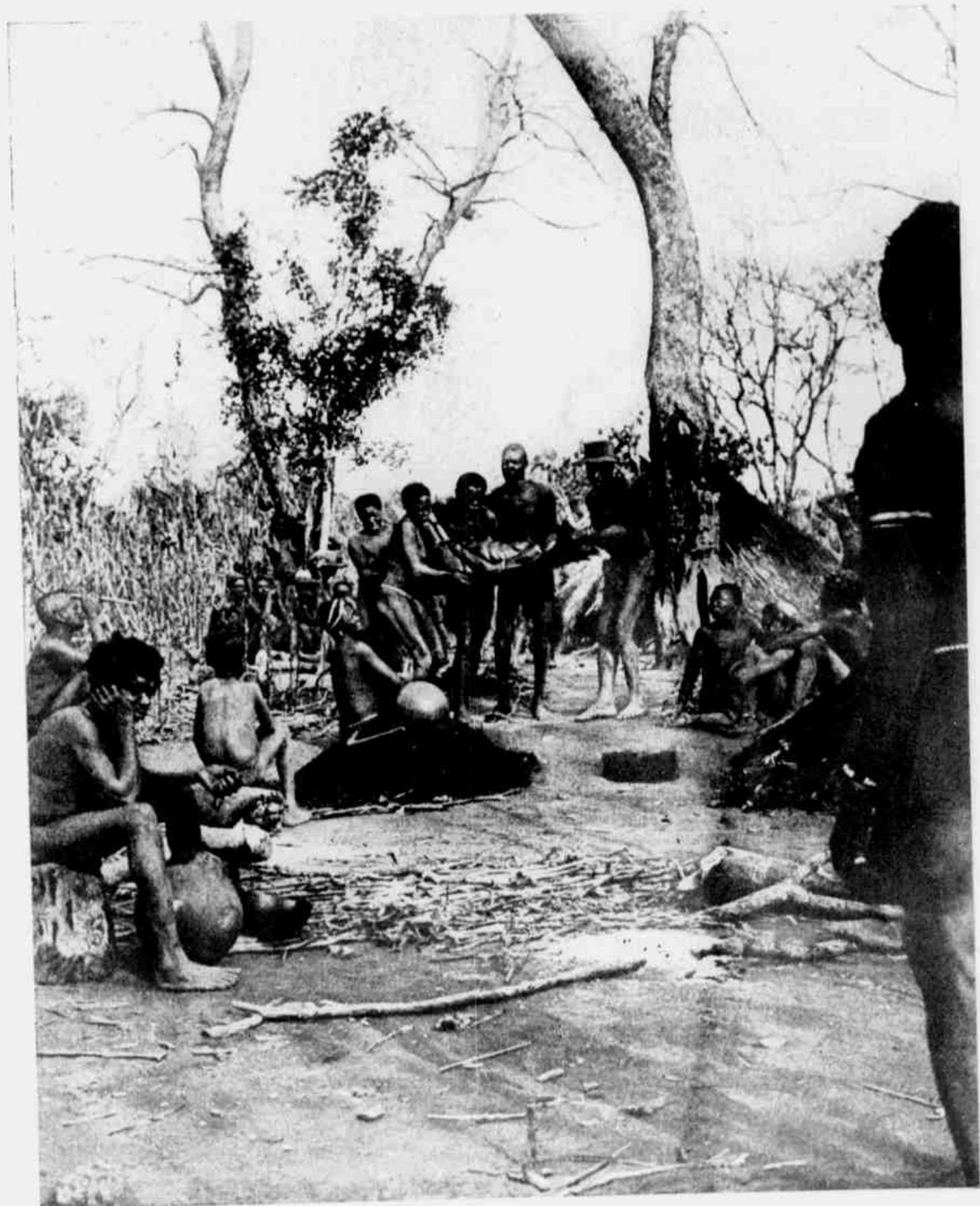
O terceiro, passional, suspirou romanticamente, e disse:

— Guardo boas recordações de Petropolis. Tive ali uma pequena do outro mundo... Foi um "rabicho" serio, meus amigos...

O quarto achou Petropolis muito differente do Rio. Differentissima. E explicou:

— Nesta época, no Rio, súo a valer. Mas se vou para Petropolis, sinto logo dôr nas articulações...

Eu não disse nada. Paguei o café, silenciosamente, e sai. Sai pensando que a cidade verde é uma miniatura do mundo. O mundo é assim. Muitas vidas, muitos homens passam por elle e todos o sentem de um modo diverso. Uns sentem com os olhos. Outros com o coração. Mas ha, ainda, uma classe de individuos que o sentem apenas pelas affecções rheumaticas...

NO PAIZ NEGRO

ESTA curiosa photographia foi tirada em Nana, Alto Chari, no dia do enterro de uma mulher Mandjia. Confórme manda o rito, os parentes proximos do morto, assim que elle dá o ultimo suspiro, procedem a toilette, lavando o corpo e untando-o com uma pasta feita de oleo e páo vermelho em pó. Depois, emquanto elle fica exposto em casa, e que em sua honra os indigenas da aldeia gritam lugubremente, acompanhados com o barulho dos tam-tans, cavam no chão um buraco quadrado e profundo na medida exácta do corpo do morto. Por fim, terminado esse trabalho, tiram o cadaver da cabana, e, lentamente, sustendo-o nos braços com precauções infinitas, carregam-no até o fosso aberto... E' uma scena impressionante na sua simplicidade, a que apanhou a objectiva. Os rostos exprimem uma gravidade triste; alguns estão crispados, sob as lagrimas; e a dôr immobilisa os grupos em attitudes naturalmente harmoniosas.

O corpo desce verticalmente para o fosso onde fica enterrado em pé. Cobrem o tumulo com folhagens, e o feiticeiro da aldeia planta sobre elle uma planta venenosa temida pelos negros; o "songo", da qual a morte poderá se servir, no outro mundo, para exercer vinganças...

A arte dos pretos

"CAVALLEIRO ARMADO"

Collecção R. H. Bruce

UM pouco de pó de ouro escorre de um tubo de penna ou de bambú numa das bandejas da pequena balança de mão. Quanto pesa isso, quanto vale isso? Isso vale, para um uma pequena gazella, para outro uma mulher mirando-se ao espelho, um crocodillo, um cavalleiro no seu cavallo, uma antilope. Comprador e vendedor, cada um possue uma gama pessoal de figurinhas em bronze ou em cobre fundido, da qual é o unico que conhece o valor. O vendedor, uma vez feita a pesagem, compara o seu grupo de figurinhas pesos ao do comprador para verificar a quantidade do pó de ouro. Tal mercado, na Costa de Marfim onde a moeda indigena é o pó de ouro, torna-se uma cerimonia da qual a arte não está ausente.

Acho que esses commerciantes negros não devem esquecer um instante quantas "mitkal" (4 gram. 50), "barifiri" (18 gram.) ou de fracções dessas unidades, pesam exactamente cada uma das figurinhas e quantas patifarias e desconfianças presidem os negocios, como em todos os paizes do mundo, mas a necessidade de manipular bellas coisas dá-lhes uma certa nobreza. A essa innumeravel tribu de pesos negros, a maioria fundida em cêra perdida pelos ferreiros, poetas de uma extraordinaria habilidade manual, nós, civilisados, podemos oppôr nossos estupidos cylindros de cobre e outros pesos de uma fraudulenta exatitude pois o vendedor dispõe sempre, para nos enganar, de um discreto golpe de pollegar.

A qualidade da arte das estatuetas que eu vi ultimamente numa exposição, parece-me muito particular mas se decompõe em tantos elementos subtis, ligando-se e oppondo-se ao mesmo tempo, que uma tentativa de analyse parece vã. Como descrever a arvore folhuda e cipós subindo por ella como fógos de artificio e enrolamentos de plantas parasitarias? Sente-se bem um certo rythmo na apparente desordem tropical, mas como descrevel-o? O humorismo é um dos elementos dessas figuras, mas um humorismo sem parentesco, umbora as deformações materiaes analogas, com o espirito da caricatura mundial. O ridiculo humilha, aniquilla a impressão artistica; dirige-se apenas ao espirito. Entre nós a graça de uma silhueta animal, ou mesmo humana, é tão delicadamente evocada, que se incorpora e accentua o effeito plastico. Um outro componente do encanto artistico das nossas figuras, é a fusão, paradoxal em principio, de uma estylisação muito ampla (que em certoc casos vae até a abstração) e da expressão a mais livre, a mais franca, a mais realista, da vida. A attitude, os movimentos de muitos negros são muitas vezes marcados ao mesmo tempo de espirito, de senso do comico e de nobreza. Não é raro as mãos dos artistas negros, amassarem, modelarem, esculpirem, como se os dons psychicos corressem, directamente de seus dedos, de suas mãos, ao obecto que se alegram em crear.

Um ar de familia, certas analogias, agrupam essas figuras, ao mesmo tempo em que as mais diversas influencias, as mais heteroclitas, tramam entre ellas uma rêde transparente, mas de malhas serradas, que as separam. A mais summaria evocação de mgirações atravéz do Continente Negro ou dos contactos entre povos de origens profundamente differentes e civilisados é sufficiente

Por

Pierre

Lavis

Duchartre

para explicar o facto. Pergunta-se então com inquietude o que póde significar os termos "artes puramente selvagens", "artes primitivas", "arte em toda a sua pureza", "arte infantil", tantas vezes empregados a proposito de arte negra.

"UM GUERREIRO"

(Camerom)

Collecção Bela Hein

Até o ponto mais longinquo que se póde attingir na Africa, encontram-se tres elementos physicamente diversos: os negros altos e "negros", no norte; os negros anões e de pelle fula, no centro; os bochimans, steatopygios, pequenos e amarellos, no sul. Nessa população primitiva enxertou-se o elemento Khamitico (originario da Asia? da Europa?) que se conservou muito bem entre os berberos. Mistura desses ultimos com os negros. Penetração de berberos comprimindo os negros para o sul. Infiltração continua de ethiopios em direcção ao sudoeste. Invasão de semitas meridionaes, depois, muito mais tarde, de semitas septentrionaes (os arabes) que, hoje ainda, continuam o movimento de penetração para o noroeste e o sudoeste. Migração maléo-indonesiana para Madagascar, emfim penetração européa a partir do seculo XVII, sem esquecer as caravanas, as vendas e compras de escravos... "Raças puras", "Artes puramente primitivas", onde estão? As obras resultantes desse vasto movimento, dessa extraordinaria mistura de influencias intercontinentaes, de raças e de civilisações, são tão commoventes que ninguem deve se preoccupar de saber se possuem essa virtude, essa qualidade mystica, a Pureza, tão procurada na hora actual tanto no dominio da arte como no da ethnographia.

Quem não se recorda das longas discussões, sempre actuaes, sobre a "poesia pura", a "pintura pura", as "raças puras". Penso que pintores, esculptores, poetas ou amadores, cada um confórme os seus meios, a bordo de uma barca ou de uma pomposo vapôr, esperam deixar uma bella manhã o velho continente das artes civilisadas, atravessar os parallelos das artes populares e primitivas para abordar emfim o paiz da Pureza, lá onde o espirito, os olhos, a humanidade são virgens de misturas de corrupções, de influencias.

Se nós fizermos a viagem nos tempos as obras prehsitoricas bem poucas informações nos darão sobre a arte na sua verdadeira infancia. Trata-se já de uma esthetica muito evoluida, muito estudada, com relação a essa, por exemplo, da maioria de melanesianas ou das numerosas tribus do Alto Amazonas "contemporaneas".

Concluimos que é inutil procurar a arte realmente primitiva, na sua infancia, no meio dos adultos de qualquer continente; mas que se póde encontral-a em qualquer criança sahida do meio mais civilisado como do mais "selvagem".

"MULHER OLHANDO NO ESPELHO"

Collecção de Tristan Tzara e P. H. Bhuce

Theatro

Amelia Rey Colaço, que o Rio vae ver este anno, com Robles Monteiro e a melhor companhia portugueza de comedia

Mistinguett com as suas mascottes: um macaco artificial e uma panthera natural

Procopio Ferreira está em Porto Alegre, fazendo uma temporada de grande exito no Theatro Colyseu

LILI

CARLOS

RUBENS

As noticias e os boatos

Desenho de Di Cavalcanti

Tudo o mesmo. Tudo. A casa, o quintal, o sapotiseiro, a cisterna, os jasmineiros trescalantes ao entardecer, as pitangueiras múrmuras de fructos vermelhos e em cujos galhos os sanhaços azues vinham brincar e cantar...

Você e eu. Quantos annos isso! Na meninice. Distante. Quando se pensava que a existencia era só o momento fugace que se estava gosando. E vieram os annos da vida que nos separou, separou, separou...

Nunca mais nos vimos juntos. Nunca mais reatámos o sonho, alimentámos a illusão. Só agora, tão tarde! E onde tudo recorda um tempo que deveria ter parado. O tempo da meninice. E no mesmo scenario da gloria morta. Só nós mudámos. Porque tudo é o mesmo. A casa, o quintal, o sapotiseiro, a c i s t e rna, os jasmineiros trescalantes ao entardecer e as pitangueiras múrmuras de fructos vermelhos e em cujos galhos verdes os sanhaços azues vinham brincar e cantar...

NA CIDADE

MARTIM LUZ

— Ao Fluminense.

— Você me telephona sabbado.

— Sem falta!

E uma telephonema que chegou atrazada privou-me da companhia mais agradavel do mundo, para ir ao Fluminense no sabbado de alleluia.

Minha alleluia se resumiu num judas que eu vi malharem. Um pobre judas de farrapos que as crianças espatifaram gloriosamente.

Alleluia!

Resurreição. A vida que parara mystica volta ao tumulto da propria vida.

Miniatura de carnaval. Carnaval fóra do tempo não tem graça. Carnaval é preciso que a gente esteja possuido delle. Integrado no desvairamento collectivo.

Consolo desconsolado de quem precisa mesmo se consolar de qualquer maneira.

Um amigo é uma coisa tragica:

— Ora!... Uma menina bonita!... Só isso?

— Não me amole!

— Vou contar a você um caso acontecido commigo.

E o amigo tragico contou:

"Eu precisava, com urgencia, de uma pequena que se prestasse a ser a protagonista de minha vida sentimental.

Achei-a, por acaso, já se vê.

Loira, esguia, olhos castanhos e não possuia signaes caracteristicos. Cruzava as persoas nos bondes, punha rouge nos labios e tomava banhos de sol nas praias.

Emfim, uma pequena como as outras.

Nesse tempo eu era jornalista: usava polainas.

Era literato: usava monoculo.

Era intelligente: não usava nem o jornalismo nem a literatura.

Quando eu passei com a pequena pela roda que ficava na porta do theatro — actores, autores, criticos, jornalistas, caricaturistas, intellectuaes — toda essa gente viu.

No dia seguinte, já sabe: tive que levar a carteira de identidade da pequena para satisfazer a curiosidade de todo mundo: Nome: Rosinha Cavalcanti. Idade: 16 annos. Nacionalidade: brasileira. Cabellos: loiros.

Mauro de Alencar, critico theatral de um matutino de grande circulação, dogmatisou:

— Os labios della parecem o ensaio geral de um beijo.

Agradeci, muito commovido. Pantaleão Lopes trançou a bengala nas costas, olhou-me com superioridade e perguntou com indifferença medida a compasso:

— Beija bem?

— Não sei — respondi com humildade — nunca a beijei.

— Como? Não!? Ora essa!? E mesmo!!!? (uma enxurrada de exclamações).

— Não gosta. Prefere ouvir palavras carinhosas.

Carlos Pitanga, actor em disponibilidade permanente, arriscou:

— Tem razão. A lingua é mais cariciosa falando do que beijando.

— E' pura?

— Como uma americana do Exercito de Salvação.

— Ainda não descobriu que é mulher. Isso acontece.

E o falhadissimo comediographo passou o monoculo do olho esquerdo para o direito.

Depois, o poeta Paulo Serafim fez uma linda conferencia sobre as pernas da minha pequena. Dizia, olhando para o alto, como se falase para as estrellas.

Era horrivel!

Toda aquella gente soffria de phraseologia paradoxal aguda. Tinha um grande stock de phrases á espera de applicação. A minha pequena era o manequim providencial onde elles iam cosendo os conceitos armazenados durante longos annos de philosophia de porta de café.

Então, arranjei outra pequena — loira, esguia, olhos castanhos, sem signaes caracteristicos — e dei a antiga de presente pra elles...

A Paschoa das Creanças

No Fluminense F. B. C.

No Fluminense

No Fluminense

No Atlantico Club

No Club de Regatas Guanabara

No Botafogo

Alle-luia!

No Club de Regatas Icarahy

No Flu

No Club Gymnastico Portuguez

No Praia Club

F. B. C.

No Automovel Club de Nictheroy

Todo mundo dansou

...uminense F. B. C.

No Club de Regatas Botafogo

SEXTA-FEIRA

SAMUEL TRISTÃO

FLORES DA CUNHA

Desenho de Cortez

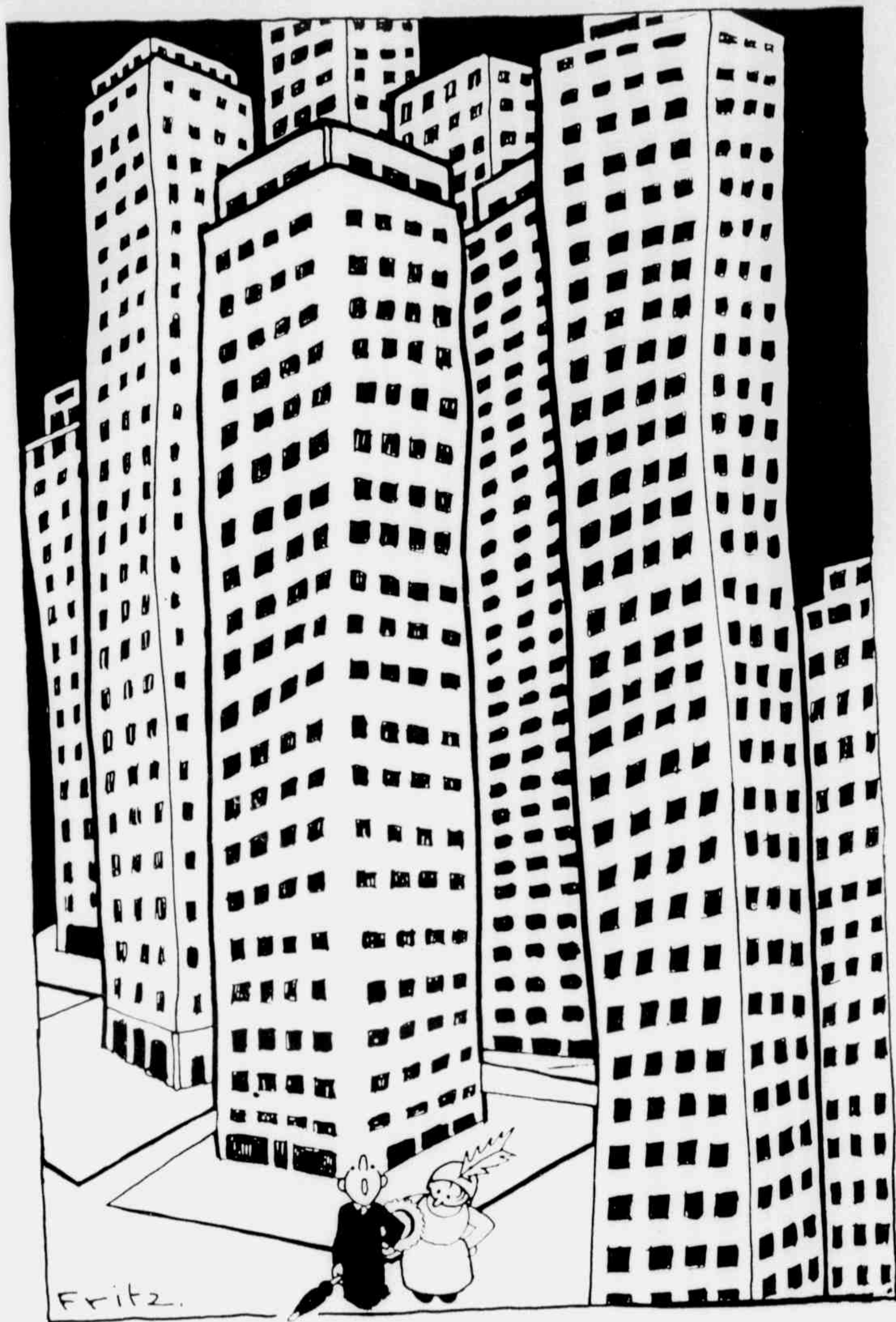
Dia côr de abóbora. Ruas apinhadas. Gente que passa. Gente que não passa. Toda a gente com ar acceso de quem leu jornaes.

Vou andando. Entro num cinema. A sala de espera dá para a calçada um rumor confuso. Apago os ouvidos de vagar. Fico a viver pelos olhos. Esparramo-os em torno. Sorvo as figuras que ali estão, como eu tambem estou, á espera do toque.

Junto de mim, desmanchada sobre o sofá, uma senhora mappa-mundi torce, distrahidamente, entre os dedos de unhas enormes, o programma da sessão. Quando percebe que a miro, estira os beiços num amúo offendido, larga o prgramma, comprime com as mãos todos os seios.

Baixo a cabeça. Vae haver desaforo.

Felizmente, a campainha dá o signal. A multidão se levanta, segue para a porta do outro mundo. No meio da multidão, a senhora se desfaz...

No baile de Alleluia do Tijuca Tennis Club

OS ULTIMOS ROMANTICOS
Desenho
de
FRITZ

POESIA

NOCTURNO DE VASSOURAS

A noite vinha acariciar
minha cabeça angustiada
com o manto esquezito do silencio.

O orvalho molhava meus cabelos
e os grilos cantavam tristemente
a mesma canção triste de minha terra.

Eu molhava os olhos
na calma passivissima da noite
e deixava passar passar toda a vida
os fantoches doces da recordação.

Os olhos calmos choravam de enternecimento
vendo a tristeza sem romance
da minha recordação.

A lua descia do alto
e dansava nas pernas brancas do repuxo.

Depois ficava calma e boa
na agua clara do tanque socegado.

A lua ficava minha irman.

CAMILLO SOARES

TEMPORAL

Começa a ventania...
O sol afogou-se...
Afogou-se decididamente em nuvens cinzentas.
A noite caiu de subito, antes da tarde.
O vento forte,
interprete principal daquele ato,
levanta em rodamoinhos as folhas mortas
á altura de um homem...
E continua a soprar fórte
fórte
fórtissimo.
Dá nas arvores que entortam de um para outro lado
agitando os galhos malabaristas.
O vento dá nas arvores que parecem cabeças despenteadas.
Pela rua obscura passam tres pequenas.
O vendaval desmancha-lhes o cabelo
com a mesma teimosia desordenada com que arranca as folhas
[novas das amendoeiras.
Cabelos leves
ramos de arvores
igualmente agitados
pela ventania que dispersa folhas, flôres, ninhos
e enxota das cabecinhas tontas
as lindas idéas tontas que elas teem.
Na rua obscura,
empurradas pelo vento,
as tres figurinhas fogem
segurando as boinas inutilmente vermelhas.
O vento continua fórte
fórte
fórtissimo...

REMIA NOLCEMIS

O QUE VI NA LUA

Tomei do espelho magico da lua
para vêr á distancia.

Nelle vejo — estou vendo o reino azul da minha infancia:

A casa meiga de penumbra.
Um berço branco.
Um salão grande, muito grande e muito manso...

Januaria cuja vóz era um rio de somno
e minha Mãe illuminada como as santas.

Mais adiante — o collegio: uma orchestra de risos;
e a capella da primeira communhão — ouro e neve;
e as varzeas em que andei, constelladas de lyrios,
frescas quando amanhece.

E essas estradas de velludo onde eu brincava ao cahir da noite...
E essas capoeiras parecidas com a floresta que ha nos contos,
com anões de lanterninha quando havia vagalumes...

E o sino da matriz quando, rezando, adormecia.

Com meu tio aprendia os nomes das estrellas
que eram, novas no céo, andorinhas implumes.

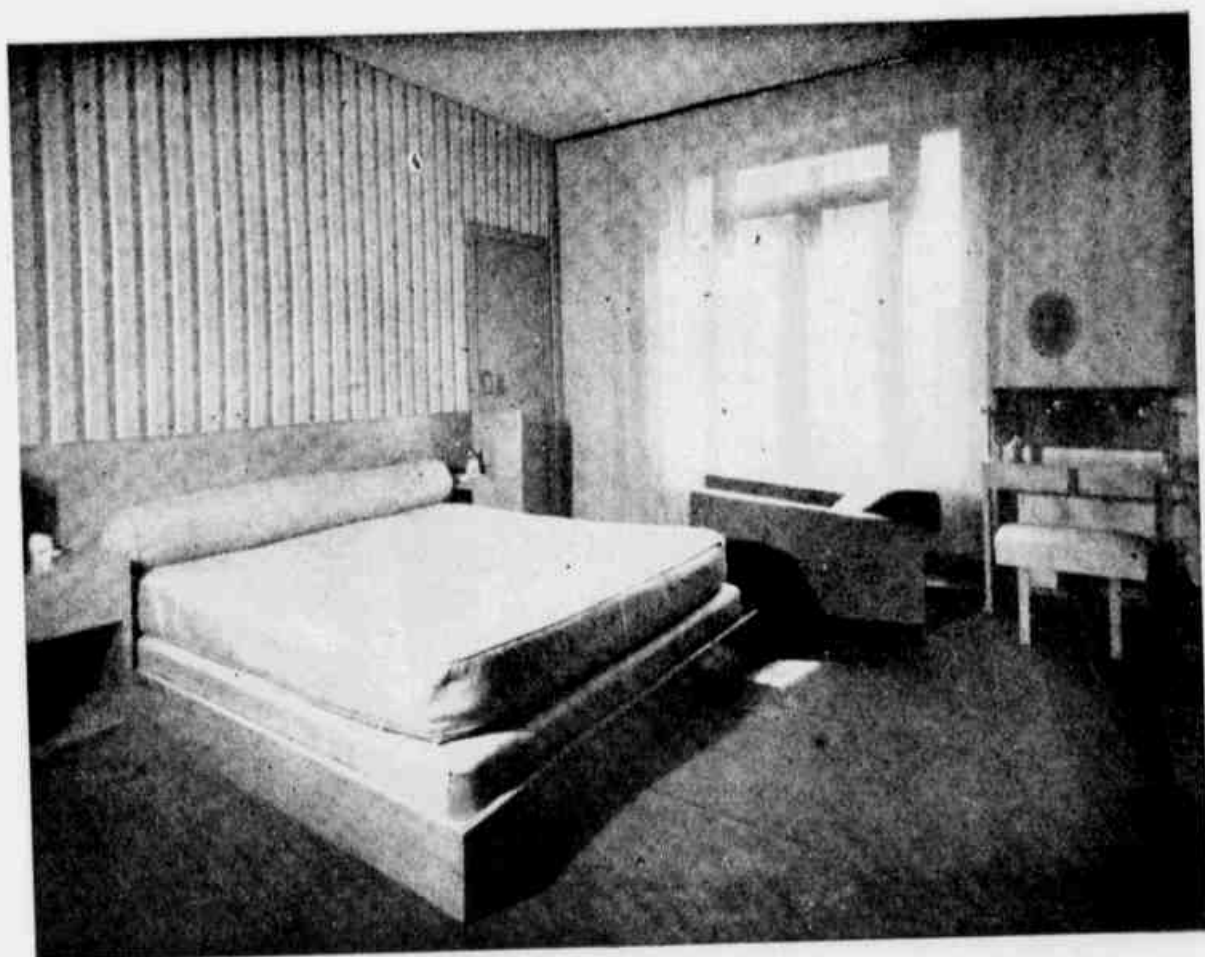
E ardiam mais então meus olhos no pequeno rosto imberbe...
Vinha a Poesia
e me afagava de repente.

...E vejo alguem tocando piano á luz das velas
delicadamente.

MURILLO ARAUJO

Interiores Modernos

Acabou-se o tempo do arrumado, do enfeitado. Agora é tudo livre, tudo simples. A vida fica mais contente dentro das casas novas. A gente passa os dias com pensamentos claros e, de noite, o somno não tem aquelles sonhos que o Doutor Freud explica...

Hall por Louis Sogrot e Charlotte Alix

Quarto de dormir segundo os planos de Le Gorbusier

A lenda da Morte

ALFONS PETZOLD

O traço prateado do orvalho estival brilha sobre tudo que está debaixo do sol.

Do lado em que a vasta planicie e mais fecunda, e se encosta á sombria e solitaria floresta, as ultimas nuvens da manhã pairam em torno de um bello homem.

O seu olhar domina; o corpo, que uma leve capa mal cobre, é resplandescente de belleza. Está lá no fim do caminho e se prepara para tomar um novo atalho. O vento da manhã vibra nas arvores. Nos galhos de um enorme pinheiro, pousaram muitos passaros de varias especies. Elles ouvem attentamente um grande pisco, de collete vermelho, que conta muitas coisas importantes:

— Sim, sim faz elle com a vóz aguda. E' inutil não acreditarem em mim, o bello homem que está lá perto da ameixeira, é a Morte.

"Palhaço"

Desenho de Di Cavalcanti

— Mas elle tem um ar de principe disfarçado, murmura a romantica rola.

— Tudo isso é conversa fiada! Não existem principes disfarçados, ao passo que a Morte, existe de verdade, affirmou sentenciosamente o corvo, encolhido no seu habito preto.

— Sempre imaginei que a Morte era um horrivel esqueleto, com uma foice assassina ao hombro, assobiou assustada uma andorinha gorducha.

— Isso são tolices de mulheres velhas. Eu sei por elle mesmo, que é a Morte, accrescentou o prisco. E continuou falando: Certa vez fui apanhado por um vendedor de passaros, e tive que viver muito tempo entre os homens, até que consegui fugir. Mas no triste periodo do meu captiveiro lucrei uma coisa bôa: aprendi a lingua dos homens. Quando, ha dois mezes, fui visitar o meu cunhado, o picanço, demorei-me junto delle. Começava a escurecer quando retomei o meu caminho. Vindo para casa, passei uma clareira, no meio da qual, havia um homem pintando sobre uma grande folha, com terra de côr. Voei bem perto delle, planei mesmo sobre a sua cabeça. No quadro viam-se bosques, planicies, nuvens, tudo igual como estava em torno delle. E em cima, o sol, maravilhosamente bello, se escondendo. Mas o pintor não estava satisfeito com a obra. Atirava com os pinceis, e cobria o rosto com as mãos, como fazem os homens quando têm algum desgosto, e dizia em vóz alta:

— Não é isto que eu quéro.

E, ao anoitecer, aquelle homem estranho ergueu os braços para o céo e se lamentou assim:

— Onde estás, oh! divina belleza? Porque te occultas de mim? Se fôsse preciso eu dar a mão á Morte, para te vêr, eu o faria immediatamente.

Então, surgiu no meio das arvores uma luz como a de um raio de sol, e, atravessando a planicie, aquelle homem que vocês vêm lá, dirigiu-se ao pintor, num passo rapido. Quando o pintor o avistou, a sua alegria foi enorme; estendeu as mãos e exclamou feliz:

— Oh! Belleza, emfim attendeste as minhas supplicas, e vieste, tu mesma, para me levar á escola da tua sciencia para que eu me torne o amigo do teu amôr.

O bello homem pousou a mão no hombro do pintor e disse-lhe:

— Eu sou a Morte, e vou te conduzir ao caminho da belleza verdadeira e eterna. Segue-me.

E os dois desappareceram.

Foi assim que o prisco terminou a sua narrativa, emquanto que a Morte buscava as moradas dos homens.

*

No concavo do valle de onde, como de uma concha verde, sae a estrada branca, está sentada, sobre um pesado feixe de lenha, uma velha mulher. Ella dorme; o seu rosto, sulcado de rugas de soffrimento, nada num halo de paz e de alegria. A velha mulher, já quasi na beira

do tumulo, sonha. Vê o filho, que, ha annos, partiu para ir trabalhar na construcção de uma estrada de ferro, num paiz perdido no fim do mundo, vendendo assim a sua jovem força camponea por um pouco de dinheiro. Ao furarem uma montanha, attingido por uma pedra, morreu. De enxada na mão, valente, como um soldado no campo de batalha. E, como o soldado, obscuro e esquecido. Salvo pela mãe que não quer crêr na sua morte.

— Elle voltará, tenho certeza, dizia ella. E o seu pobre corpo se fortalecia com a vontade de viver, com essa idéa consoladora.

De facto, muitas vezes já elle viéra vel-a, mas sempre á noite, emquanto dormia, e sonhava estranhos acontecimentos. Hoje que cochila, entre a solidão do céo e a da floresta, o milagre da volta do filho se realisa de novo. Mas, ao despertar, dessa vez, o filho não desapparece como das outras. Está lá, diante della, com toda a sua força e belleza, desejado pelas raparigas e temido pelos homens, tal como era quando partiu, chapéo na cabeça, cajado na mão.

Indizivelmente feliz, a velha mãe corre ao encontro do filho.

— Ignacio, meu querido Ignacio, sejas bemvindo. Com certeza estás com fome. Oh! meu filho, meu filho, que alegria! Dentro de mim tudo canta feliz! Deixa eu me apoiar a ti, meu querido.

A Morte, sob o aspecto do filho, prende, amorosamente, nos braços a velha mulher e leva-a ao seio do bello dia de verão. Só os mosquitos e as moscas lustrosas zumbem em torno do feixe de lenha abandonado.

*

Nos campos de cereaes amarellados, retine o barulho monotono da foice. Fóra isso o silencio cobre as horas escaldantes. Um silencio tal que até os velhos ulmeiros que ficam á esquerda e á direita da linda estrada da aldeia não ousam fazer o minimo murmurio. Sob um tecto de palha muito pontudo, collocado como um chapéo protector, em cima de uma casa baixa, um menino, de seis annos mais ou menos, está deitado numa miseravel cama forrada de velhas roupas. E' uma pobre creatura estropiada, que, desde o nascimento nunca poude mover um unico membro. Os irmãos e as irmãs estão cortando trigo, numa grande herdade, com pequenos salarios. Os olhos da criança olham com ardente desejo para o lado do céo, onde brilha o grande sol, e onde os paes mortos o esperam com certeza. Quando um éco vindo dos bosques passa sobre a aldeia, elle crê que o pae e a mãe o estão chamando. Ah! se um anjo o viesse buscar, como seria bem comportado no céo!

Um desconhecido se dirige para a choupana, atravéz da poeira da estrada. Ao vel-o, o menino doente, pensa logo na imagem da Annunciação que está na parede. O anjo que apperece na imagem assemelha-se a esse homem: apenas o desconhecido é ainda muito mais bello e muito mais santo do que a imagem pintada. Agóra elle se approximou do pequeno leito e fala ao menino com tanto amor como outróra lhe falava a sua mãesinha:

— Como te chamas, meu querido?

— Chamo-me Jeannot e, tu, tu és o anjo bom que vae me levar para perto dos meus paes?

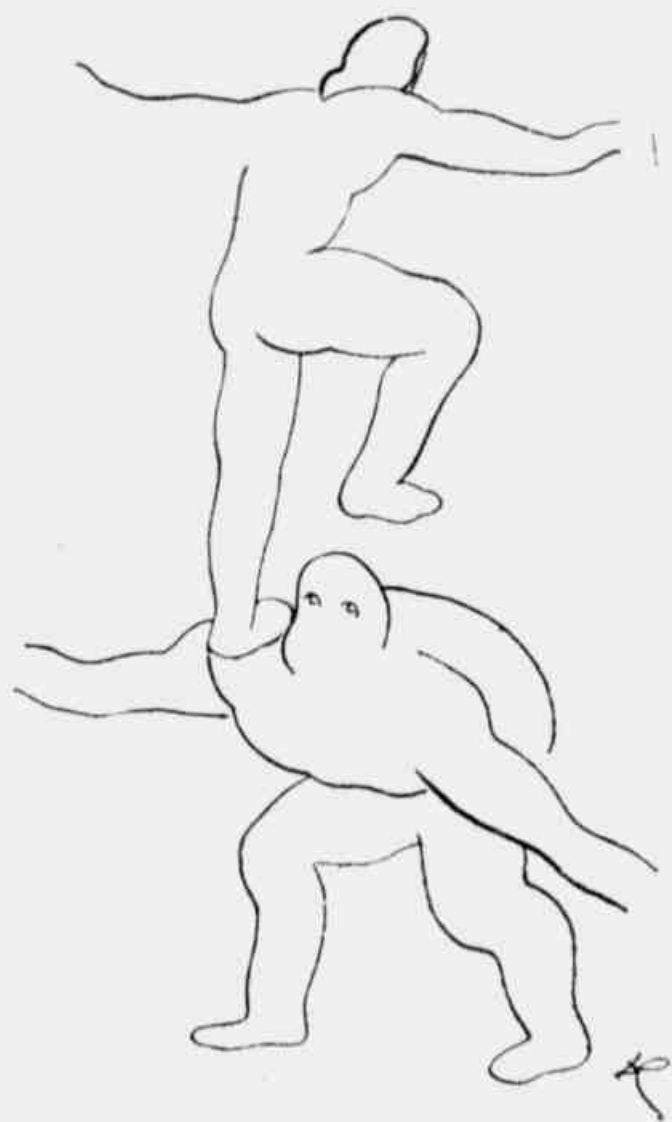
A morte tira dos farrapos a criança bemaventurada. O pequeno corpo doente se estira numa beatitude deliciosa, um longo sorriso nos labios. A Morte parte, levando a criança, na paz perfumada do meio dia. Em torno delles resôa uma musica celeste.

*

As côres vivas do dia empallidecem. Dominando as pastagens que vão em subida desde o vale habitado até a floresta, a Morte volta ao silencio das arvores. Uma ultima vez olha para traz. Olha, da solidão dos montes ao vale, onde ainda se agitam os homens e as suas obras. Uma criada que espéra o namorado, vendo a Morte, pensa: Oh! que linda creatura! Parece um principe exilado. Saberá beijar melhor do que o meu José?

Crianças da aldeia, de volta de uma excursão, cantam rythmando o passo como soldados:

Combien la vie est belle, belle, belle,
Les petits oiseaux le savent.
Ils chantent des chansons joyeuses, joyeuses.
Et leur léger plumage s'agite, s'agite,
Dans le bleu du ciel.

A Morte, sorrindo, desapparece na floresta.

"Acrobatas"

Desenho de Di Cavalcanti

MUSICA

MAESTRO LORENZO FERNANDEZ

Desenho de F. Masiera

OS concertos e recitaes de dansas exoticas realisados na Exposição Colonial de Paris, chamaram a attenção sobre a musica javaneza que se póde considerar como a mais completa do Extremo Oriente. Ella attingiu o maximo do desenvolvimento nos quatro ramos primitivos da ilha; accumulando lentamente um vasto repertorio de melodias e de composições orchestraes, que provam a cultura da raça antiga. Lá a musica tem, como no Occidente, classicos e modernos, mas os ultimos estão longe de alcançar o nivel artistico dos antepassados.

Os javanezes, como todos os povos orientaes, possuem, desde tempos immemoriaes, a tradição de uma orchestra, chamada *Gamelang*, composta de cinco typos differentes de instrumentos, representados por tres, quatro, cinco e mesmo seis exemplares, do *rabab*, especie de violoncello, de uma flauta de bambú e de um xylophone. A excepção destes tres ultimos instrumentos, todos os outros são em bronze e de uma fabricação muito apperfeiçoada. Por exemplo, os gongs cuja resonancia se espalha a dois kilometros em torno e as vibrações pódem fazer voar em estilhaços os vidros, se se tocar num aposento fechado; mas, embóra a força deste instrumento, o musico javanez sabe tirar delle sons dulcissimos e de uma bella e serena gravidade.

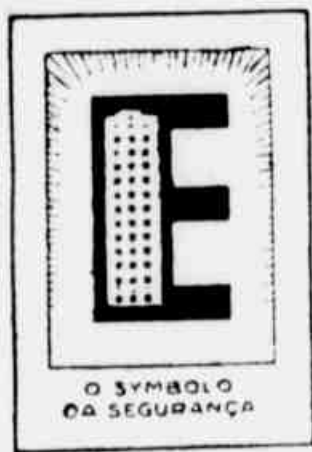
Nessa orchestra, um grupo de instrumentos traça a linha melodica, o que a antiga escola polyphonica européa chamava o *cantus firmus*; um segundo grupo executa variações e paraphrases sobre esta; um terceiro borda, sobre a dupla trama, um acompanhamento a contra-tempo, emquanto que a vóz humana desenvolve uma melodia em harmonia com o motivo fundamental. O todo cria effeitos de um raro poder sugestivo e o musico javanez consegue, muitas vezes, exprimir os mais profundos sentimentos, em rapidas phrases de um rythmo absolutamente original.

O *Gamelang* representa importante papel na dansa e no theatro javanez. Entretanto, neste momento, elle luta contra a concurrencia de uma nova fórma de espectaculo, já introduzida na India e outros estados malaios, denominada *Stamboul*. E' uma curiosa imitação dos melodramas e operas européus, traduzidos numa especie de linguagem musical javaneza. No genero uma das obras mais caracteristicas é a intitulada *Toeween Paust* e que não é mais do que o *Fausto* de Gounod. As principaes linhas da opera são fielmente seguidas, mas a orchestra composta de quatro violinos, um violoncello, um contra-baixo, uma trombeta, um tambor e um trombone e a acção dramatica, adaptada aos concertos indigenas, produz, no auditorio europeu, uma impressão das mais curiosas.

PUBLICARAM, ha pouco, em Munich, as cartas de Hans von Bülow o celebre pianista e chefe de orchestra. As mais interessantes, pelo lado historico e psychologico, são as dirigidas a Ricardo e Cosima Wagner. Como é sabido, Bülow foi o primeiro marido dessa filha de Liszt. Enganado e abandonado por ella escreveu-lhe, numa carta, o trecho que se segue e que é um documento curiosissimo:

"Agradeço-te a iniciativa que tomaste (a de acompanhar Wagner!) e não te darei nenhum motivo de a lamentar. Sinto-me muito infeliz — a culpa é minha — por não procurar evitar de te ferir com qualquer censura injusta. Na cruelissima separação á qual tu te achaste obrigada, reconheço todos os erros do meu lado... Preferiste consagrar a tua vida e os thesouros do teu espirito e do teu coração a uma existencia muito mais superior — longe de te reprovar applaudo-te sob todos os pontos de vista."

Dada a nobreza de alma, a suprema correcção e os altos sentimentos que todos sinceramente reconhecem em Bülow, esta carta offerece um attrahente problema psychologico: porque se accusa elle de faltas tão vagas que se conservaram completamente desconhecidas? Haverá algum estudioso biographo dotado de tanta intuição que seja capaz de esclarecer o mysterio?

A vida musical na Russia continua cada vez mais intensa e com duas tendencias contrarias: uma, quer crear o estylo *marxista-proletario*, a outra, respeitar a tradição nacionalista que desdenha toda importação estrangeira. As manifestações mais caracteristicas da tendencia *marxista-proletaria*, é a curiosa reforma do texto do *Magnificat* de Bach pelo poeta communista Serge Gorodetsky. O cantor de Leipzig é considerado, nos circulos musicaes sovieticos, como o compositor por excellencia da musica proletaria do futuro, mas a sua religiosidade não estando de accordo com a ideologia reinante, reformaram o texto do *Magnificat* transformando-o num *Hymno ao Plano Quinquenal*. O final da *Symphonia com córos* de Beethoven foi remodelado do mesmo modo, pois a *Ode á Alegria* de Schiller não está em harmonia com os ideaes communistas.

ENTRE OS LIVROS

PAGÃO, de *Celeste Dutra*. Recife — Um livro que vem do Norte.

(— "Nada de mais O Norte não tem a Athenas brasileira?"...)

Um livro de mulher.

(— "Então, pára"...)

Parei. Foi a minha bôa-vontade que mandou a minha curiosidade parar.

Porque a minha bôa-vontade já sabe que pra não se perturbar com os livros femininos só ha um remedio: não os lêr...

Não é mentira. Vocês vejam, tirando as excepções providenciaes, o que o Brasil-mulher já produzio... Uma literaturasinha de sacco de costuras. Pensamentos que vem pro papel mostrar a caprichosa paciencia que os trabalhos de "crochet" não exgottaram...

Mas eu me venci e abri o livro de Dona Celeste Dutra.

Esse livro bonito me encabulou. Uma sensibilidade muito viva enche as suas paginas, vae deixando nellas um rythmo movimentado e agil. A autora, que a gente adivinha jovem, elegante e fidalga, pela jovialidade, pela elegancia e pela fidalguia da phrase, é uma escriptora que não cansa, cuja prosa vae embalando a attenção e seduzindo o espirito. Uma escriptora que quasi desmente o meu scepticismo pela litteratura feminina do Brasil...

Este livro, apesar de nascido sob o Cruzeiro do Sul, não é de versos. Mas é de poemas em prosa.

Muito mais difficil que outros generos litterarios, o poema em prosa seduz notavelmente as nossas litteratas. Quasi todas as semanas apparece um livro desses, bom, máo, ruim, muito bom. *Pagão*, o livro de poemas em prosa de Dona Celeste Dutra, está neste ultimo grupo. Muito bom. E de um intenso e tropical lyrismo. O amôr comparece em todas as paginas...

Nenhum dos poemas ganhou nome. Todos tambem ficaram pagãos, o que impede a gente de apontar as paginas mais encantadoras. Mas isso não tem importancia. O que vale é que o *Pagão* é um livro de que se diz bem pela vontade de ser sincero, e não pelo bom prazer de elogiar os livros que vieram das mãos femininas...

Dante Costa

DEFINIÇÃO DO MODERNISMO BRASILEIRO, de *Tasso da Silveira* — Divulgado pelas Edições "Forja", acaba de apparecer mais um livro de Tasso da Silveira, que é um alto e inquieto espirito. Entre nós muito se fallou em arte moderna, em modernismo e coisas semelhantes. Formaram-se grupos que se estraçalhavam sob a bandeira de uma renovação, que nem todos sabiam explicar. E a qual davam-se nomes variados e até pittorescos. Tasso da Silveira pertencia ao grupo da revista *Festa*, que vem dar outro sentido ao movimento de renovação litteraria que se processava no paiz, tumultuariamente. Contra os *dynamistas* e *primitivistas*, Tasso animou a corrente dos *totalistas*, expondo a ancia total de expressão do que somos, uma "incoercivel anciedade de uma revelação integral do Brasil". E' esse verdadeiro espirito do movimento modernista que tanto agitou a nossa tristesa de vida litteraria, que a clara intelligencia de Tasso da Silveira define magistralmente no formoso livro que é *Definição do modernismo brasileiro* apparecido ha dias.

Carlos Rubens

AGRIPPINO GRIECO QUE ACABA DE PUBLICAR "VIVOS E MORTOS", EDIÇÃO DE SCHMIDT.

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.

M O

Vestido de renda ciré preta. As mangas curtas têm varios babados em forma de mousseline rosa. E' um modelo de Cheruit. — Modelo de Blanche Lebouvier em fina renda preta. As bretelles de strass terminam por um cabouchou de coral. Grande decote nas costas

Felizmente os primeiros dias do outomno já nos trouxeram uma temperatura supportavel e com ella as modas sempre mais elegantes do que as dos dias de verão.

Já podemos adiantar, que as pelles dominarão este anno sobre os nossos chapéos. Toupés, velludos e pelles combinados, eis a suprema elegancia!

Os modelos que damos nestas paginas são encantadores, tão encantado-

Toque de velludo verde com bandeau de caracul preto. Modelo de Marie Alphonsine

Toque de feltro preto com bandeau de poulain. Modelo de Héléne Corbett

Gorro de feltro verde vivo e astrakan preto. Modelo de Jane Blanchot

Toque de velludo preto com bandeau de astrakan preto. Modelo de Le Monnier

res, que se fica sem saber qual escolher. Todos são acompanhados por um minusculo manchon, uma coisinha de nada, mais detalhe de coquetterie do que agasalho.

Depois das nove horas da noite as rendas pretas e as rendas brancas constituirão uma das provas de bom gosto. Nenhuma mulher verdadeiramente elegante deixará de ter no seu guarda-roupa pelo menos um vestido de renda.

A NOSSA NUTRIÇÃO

Augusta Soares Monteiro

VITAMINAS

Dou hoje uma lista dos principaes alimentos que contêm vitaminas A, B, C e D, essenciaes á saude e ao crescimento.

As vitaminas, denominadas *alimentos accessorios*, são necessarias ao organismo humano e sua ausencia acarreta o apparecimento de molestias graves.

Vitamina A é anti-rachitica, protege o organismo contra as infecções e é preventivo contra as molestias dos olhos.

Vitamina A encontra-se em abundancia em: manteiga, creme de leite, leite, queijo, oleo de figado de bacalhau, ovos, figado, cenouras e espinafres.

O uso da vitamina B estimula o apetite, auxilia as funcções do estomago e intestinos; sua ausencia acarreta o apparecimento do beri-beri; ella é encontrada principalmente em feijão, ervilha, espinafre, pão de centeio, cereaes e levedura.

A vitamina C, que é encontrada em uvas, limões, laranjas, vegetaes folhosos, tomates, etc., é anti-escorbutica, promove bons dentes e desenvolve os ossos, protegendo o corpo contra as infecções.

Vitamina D, preventivo contra o rachitismo, tem as suas melhores fontes no oleo de figado de bacalhau e ovos. Outros alimentos contêm vitaminas, mas não em tão grande quantidade. E' nos vegetaes, principalmente, que nos abastecemos de vitaminas, substancias que agem em quantidades infinitamente pequenas.

Outras comidas

PURIFICAÇÃO DE VEGETAES QUE DEVERÃO SER INGERIDOS CRUS

Como sabe toda dona de casa, as alfaces e os agriões, para saladas, etc., vegetaes que serão ingeridos crus, em summa, podem vehicular para nosso organismo ovos de parasitas animaes e germens pathogenicos de infecções graves. Dahi o emprego de medidas de purificação, tendentes a fazer desapparecer taes perigos.

Assim, aconselho passar os vegetaes que devem ser ingeridos crus, durante 2 segundos n'agua fervente, o que os purifica sem tirar-lhes a *frescura*, e a hygiene moderna manda deixar taes vegetaes e fructos (morangos, uvas, etc.) durante 2 minutos numa solução de permanganato de potassio a 1 por 2.000.

Em seguida taes vegetaes devem ser passados em diversas aguas (3 ou 4), filtradas ou fervidas, naturalmente.

NOTA — Por terem sahido, no numero passado, as receitas de marron glacé e salada tricolor, com alguns erros de impressão, estas são repetidas hoje, para maior certeza das senhoras leitoras.

MARRON GLACE'

Tire as cascas grossas das castanhas e leve-as ao fogo, sem que a agua ferva, para que possa retirar as pelles. Feito isto leve as castanhas ao fogo com agua sufficiente para cobril-as até ficarem cozidas. Antes de retiral-as do fogo faça, á parte, uma calda com baunilha e uma quantidade de assucar igual ao peso das castanhas descascadas. Depois amarre duas a duas num pedacinho de filó, sem o que quebrarão fatalmente. Feita a calda, passe para ella as castanhas enroladas. Mas tanto as castanhs como a calda devem estar quentes. Deixe descansar em lugar quente durante 24 horas. Todos os dias retire a calda e submetta-a a uma fervura de alguns minutos. No setimo dia bote as castanhas para escorrer em uma peneira de bambú, durante 24 horas, e no nono dia embrulhe-as em papel de estanho fino. Nota: Escolha de preferencia as castanhas grandes e redondas.

Se seguir bem todas as prescripções conseguirá fazer o verdadeiro *Marron Glacé*.

SALADA TRICOLOR

Maneira de preparar as beterrabas: Tome 3 beterrabas regulares e leve ao fogo para cozinhar com a casca. Estando moles, retire-as da agua, tire as cascas e parta-as em tiras. Misture em um prato fundo sumo de um limão, uma colher de assucar, sal á vontade, e ahi deixe as beterrabas tomarem gosto. *Nota*: As beterrabas em nosso paiz não são doces, por isso precisam de assucar. Faça isso e guarde segredo do emprego do assucar para que as achem deliciosas. Na hora de servir devem ser bem escorridas.

A salada: Tome 3 pés de alface repolhuda e parta as folhas em pedacinhos. Tome 3 maçãs descascadas e parta-as em tiras. Tome as beterrabas partidas e arrume na saladeira do seguinte modo: a alface no meio, as maçãs de um lado e as beterrabas do outro, para que estas não manchem as maçãs. Derrame por cima o molho da salada. *Molho*: Misture bem 2 colheres de azeite, caldo de meio limão e sal. Preferir sempre o limão, pois é um producto vegetal, isento de falsificações, vitaminoso e alcalinizante.

COISAS LIDAS

O "Festival Theatre" de Cambridge representou ultimamente "O pato bravo", de Ibsen, numa scena architectural, com completa eliminação de todo naturalismo na mise-en-scéne. Essa innovação contraria ás indicações explicitas do autor, suscitou violentas criticas na Inglaterra. Mas o conhecido dramaturgo inglez, Ashley Dukes, defende no "Theatre Arts Monthly", de New York, a experiencia do joven theatro. "... O theatro não é, não poderá ser immovel. A concepção e a fórma do theatro mudam deante dos nossos olhos, e mudam ainda mais rapidamente, e inevitavelmente, porque hoje a cinematographia sonora está em condições de produzir, na tela, todas as illusões do naturalismo. O poeta dramatico de hoje deve procurar se exprimir em termos de theatro, os quaes differenciam dos termos de gabinete tanto quanto estes dos termos da vida. O director de hoje que tem imaginação, affrontando as obras-primas de hontem ou do ultimo seculo, deve procurar sublinhar as qualidades dramaticas especiaes, que servirão a mais de uma mudança de fórma exterior. Os bons actores de hoje, sabendo que não os olhamos mais por esse buraco de fechadura que é o olho de cada espectador, ampliarão o campo creador e abordarão, com effeito, a representação como uma obra de arte. Esse theatro deve desenvolver o seu dominio tanto nos dramas do passado como nos do presente. Só nos ultimos vinte annos é que se descobriu que o scenario quasi permanente é o melhor para Hamlet e que a velha successão de scenarios realistas, difficil de manejar, a peor coisa que se póde imaginar. Mas os elizabethienses sabem isso ha muito. E' o theatro que muda, e não Hamlet, que resta sempre o mesmo. Estou convencido de que "O pato bravo" deve ter continuado o mesmo (ou até aperfeiçoado) na platafórma utilisada em Cambridge..."

⁂

Aos esforços feitos nos ultimos annos para levar as obras de Dostoiewki até a scena lyrica, vem, agora, se juntar a opera "Os Irmãos Karamasoff", do compositor tchéco Ottokar Jeremias, montada pela Opera de Augsburg. O libreto, de Jaroslaw Maria, em collaboração com o compositor, foi organisado com bastante habilidade. A historia daquella familia russa é apresentada com um senso muito vivo das necessidades dramaticas e é arranjada, scenicamente falando, de maneira perfeita pelo tryptico que formam os tres actos: assassinato do velho, prisão de Demitri e, por fim, a condemnação e a liberdade. O temperamento slavo de Jeremias se manifesta nas confissões dramaticas e apaixonadas dos protagonistas. Elle caracterisa, em traços

rapidos, a complexidade psychologica dos personagens e dá vida e côr á partitura. Emfim, elle sabe exprimir, com o soffrimento desses, a fé ardente que lhes insuflou o genio de Dostoiewski: assim, o confronto entre Iwan e Alijoscha no primeiro quadro é particularmente surprehendente pela modulação do tom menor ao maior. Entretanto a grandeza épica do romance de Dostoiowski conduziu o compositor a uma repetição de *crescendi*, da qual resulta uma certa monotonia. Por outro lado, si o pittoresco é sempre fortemente exprimido, as profundezas psychologicas e psychicas são mais delineadas do que tratadas e o pathetico marcado de formulas que não estão isentas de banalidade, como a scena do tribunal. Effeitos realistas se misturam, ás vezes, ao discurso musical de essencia néo-romantica.

A secretaria da "Associação Russa dos Escriptores Proletarios", grupo poderoso, pelo apoio que lhe dá o governo sovietico, publicou um memorial longo e cuidadosamente detalhado sobre a politica a seguir no dominio do theatro e do jornalismo theatral.

O documento principia com uma invectiva energica contra o theatro burguez na Europa:

"O theatro burguez contemporaneo não vae além de experiencias puramente manifestadas, aprofundadas por uma especie de expressionismo mystico e que se propõem armar o espirito do espectador contra a luta de classes do proletario, a revolução, a V. R. S. S., e tornal-o favoravel á hegemonia fascista e burgueza e á guerra de intervenção contra o paiz dos Soviets. A decomposição do theatro burguez se manifesta na decadencia dos theatros dramaticos e lyricos, accentuada pelo desenvolvimento dos music-halls, das operetas, de mil generos ligeiros alimentados por um repertorio vulgar e prudhommesco ou morbidamente erotico. A economia theatral dos paizes burguezes, baseada na exploração desavergonhada de trabalhadores, rematou com o fechamento de muitos theatros regulares, que foram substituidos por espectaculos de sensação, mais ou menos improvisados, e representados por uma companhia organisada e dissolvida conforme as necessidades do momento. Uma tal situação exclue toda a possibilidade de progresso."

Para clarear os dentes e desinfectar a bocca
O melhor meio de limpar e clarear os dentes é o uso da PASTA ODOL.
A PASTA ODOL deixa os dentes alvos sem atacar o esmalte, visto ser composta de substancias macias e não crystalisadas.
A completa hygiene da bocca, porém, não se satisfaz com a simples limpeza dos dentes.
Impõe-se o uso diario de um elixir que evite a carie e desinfecte a mucosa.
O LIQUIDO ODOL e o melhor elixir dentifricio do mundo, pois suas virtudes principaes são justamente as de evitar a carie, desinfectar e refrescar a bocca, fortalecer as gengivas, dissolver as pedras [tartaros] e perfumar o halito.
KOHOUT NEW YORK
ODOL

MOVEIS DE ARTE
TAPEÇARIAS FINAS
DECORAÇÕES MODERNAS